

Análise da leitura significativa no 5º Ano do Ensino Fundamental, na visão realista

Maria Leane de Lima

Wesley Alysson Gomes Farias

Divanalmi Ferreira Maia

Álvaro Luis Pessoa de Farias

Marcos Antônio Medeiros do Nascimento

Nalfranio de Queiroz Sátiro Filho

Rosa Maria Alves da Costa

RESUMO

Na atualidade, no Brasil, nos deparamos com uma questão importantíssima ao se tratar de educação, nota-se que inúmeras crianças e adolescentes com idade entre 9 e 13 anos ainda não leem, porém estão devidamente matriculados em escolas regulares e mais precisamente no quinto ano do fundamental, outra parcela considerável desses estudantes mesmo sabendo ler não compreendem o que leem pois não possuem uma leitura significativa, seu vocabulário é carente de palavras por falta de leitura. Portanto, é preciso que os professores compreendam alfabetização e letramento e assim desenvolvam com autonomia sua prática pedagógica, tendo em vista uma alfabetização significativa. O presente texto é resultado de uma pesquisa de campo, que teve como objetivo alertar sobre a grande lacuna que só cresce a cada ano em nossas escolas públicas, pois como foi comprovado na presente pesquisa o ensino privado não enfrenta esses problemas na leitura e interpretação de textos dos educandos, com isso vemos que precisamos buscar soluções para melhorar nosso ensino público, e onde podemos inserir novas metodologias de ensino e avaliar porque não se tem êxito. Concluindo assim, que ainda existe tempo para reverter esse quadro e assim juntamente com toda comunidade estudantil pública aumentar esses índices de desenvolvimento da educação, que tanto se dialoga no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Leitura significativa, Mecanismo, Estímulos.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que as provinhas do índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) são importantíssimas, mas não servirão se os educandos não forem preparados previamente desde o primeiro ano do Ciclo Básico ou seja desde o início da sua vida acadêmica.

Para Smith (1999), a leitura não exige dos olhos habilidades ou esforços especiais e não existe necessidade de conhecimentos linguísticos diferente dos usados para a compreensão da fala. Ainda em Smith (1999), diz que a leitura é a associação do que está atrás dos olhos com o que está a frente dos olhos, apenas descodificar e não encontrar sentido não é leitura. Tendo em vista essa afirmação podemos dizer que, a leitura é uma atividade que acontece por meio de antecipação, realizada através do conhecimento



prévio que o aluno tem, e exige do leitor uma atitude reflexiva, a qual lhe favorece compreender e explicar as coisas que o texto fala, ou responder um questionamento que foi submetido.

De acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1988, p.68-70).

Kleiman (2002) aborda a leitura como processamento cognitivo que envolve a relação entre leitor e texto, linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e o pensamento. O processamento tem seu início com a percepção do material escrito (texto-objeto) o qual é transmitido para a “memória de trabalho” interpretando e organizando-o em unidades significativas, considerando o conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico que o leitor possui.

Para uma melhor compreensão da linguagem e o sentido atribuído a ela buscamos uma habilidade natural de procurar sentido no mundo, conforme aquilo que já sabemos, percebemos e esperamos. Leitura é fazer perguntas ao texto escrito. Quando lemos qualquer gênero textual retiramos informações do mesmo de maneira seletiva. Sendo assim, a leitura com compreensão fornece respostas às perguntas feitas pelo leitor.

Segundo Solé (1998), para que uma pessoa se envolva em qualquer atividade de leitura, é necessário que ela sinta que é capaz de ler, de compreender o texto tanto de forma autônoma, como apoiada em leitores mais experientes. Enfatiza que a leitura de verdade é "aquela que realizamos enquanto leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual temos controle: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir".

Foi com essa justificativa que este presente trabalho surge no decorrer da prática pedagógica, na oportunidade de ministrar aulas, na substituição da professora titular da turma nomeada 5º ano 1º Ciclo da Educação Básica. Foi nesse período que percebemos o grande déficit de aprendizagem de uma boa parte dos educandos que ali se encontravam. Turma essa que pode ser caracterizada como um grupo heterogêneo, e onde encontramos indivíduos em diversos graus de aprendizagens. Essa situação também foi observada em outras escolas no nosso município. Mesmo esses educandos fazendo parte de um grupo que está finalizando uma fase importantíssima de sua vida acadêmica que é o 5º ano, ou seja, último ano da fase final do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. Em sua maioria, não possuem a leitura significativa, a compreensão da sua língua materna. Não correspondem os anseios dos professores quando são submetidos a testes, pois leem, mas não conseguem interpretar o que se pede. Foi assim que começou minha inquietação,



considerando a leitura significativa como uma importantíssima prática na construção da aprendizagem. Diante de tão grande questionamento, devemos repensar nossa prática docente e começar a abordar esse tema com mais empenho e nos conscientizarmos que só nós docentes poderemos melhorar esse quadro. Neste momento surge as inquietações, como faremos para reverter esse quadro, portanto sendo assim, com o envolvimento de outros professores, procuramos conhecer e desenvolver atividades para incluir essa habilidade tão importante. Estimular, motivar e tornar a leitura significativa um hábito, pois só assim eles poderão ler, interpretar e desenvolver melhor suas habilidades e competências as quais tanto lhes são exigidas no decorrer do ano letivo.

Tendo em vista esses questionamentos podemos afirmar que não se pode ancorar no 5º ano e esperar que os educandos realizem “milagres” e o IDEB tenha pontos extraordinários, pois só funcionará nas escolas onde todos os professores forem comprometidos com a educação e trabalharem em conjunto do 1º ao 5º ano.

É através do gosto pela leitura que se pode formar alunos conscientes de seu futuro, e o professor neste caso oferta a seus alunos a cultura leitora em geral: do jornal, do panfleto, da revista e da televisão.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O termo Alfabetização, segundo Soares (2007), etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Sendo assim, a especificidade da Alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do aprimoramento das habilidades de leitura e escrita.

No Brasil, a alfabetização se consolidou logo depois da Proclamação da República onde a escola se consolidou com o intuito de formar novas gerações capazes para viver na nova ordem política e social.

E assim foi com o passar dos anos muito se desenvolveu no campo da alfabetização, mas com toda a evolução, o Brasil juntamente a outros países não desenvolvidos, ainda hoje enfrentam um grande problema: a qualidade da educação básica, principalmente a dos anos iniciais do ensino fundamental.

Muitas teorias foram apresentadas, muitos fatores foram apresentados entre eles estão métodos arcaicos que não suprem mais as expectativas dos alunos, professores com má formação, péssimas condições de trabalho por parte dos docentes, estas são alguns dos pontos apresentados, mas nada disso ficou comprovado.

Em Soares (2003), a palavra letramento é de uso ainda mais recente e significa o processo de relação das pessoas com a cultura escrita. Então a partir da constatação de uma problemática na educação chegou-se a uma conclusão de que nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve. E com isso observou-se que o indivíduo não consegue realizar uma leitura crítica da realidade, e assim não responde satisfatoriamente as demandas sócias. Para exemplificar essa situação no País, destaca-se Salla (2011) que traz o resultado da prova de leitura do Programa Internacional de Avaliação



de Estudantes (PISA) de 2009, na qual metade dos avaliadores obtiveram no máximo nota 2. Com isso, vemos que o fato não é apenas o da alfabetização no que diz respeito a ler e escrever mas no que se exige interpretação e raciocínio, ou seja, não tem letramento na alfabetização das "pessoas". Precisa-se ter cuidado para não privilegiar um ou outro processo (alfabetização /letramento) e entender que eles são processos diferentes, mas indissociáveis e simultâneos. Como descreve Soares (2003, p. 11),

“Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele.”

Fica claro que o homem antes mesmo de aprender a escrita, aprende o mundo ao seu redor e faz uma leitura. O letramento está ligado as práticas sociais do mundo em que vivemos. É exatamente onde entra o professor como interlocutor desse processo e assim ajudar a formar o pensamento crítico em seus alunos.

O letramento se torna uma forma de entender a si e aos outros, desenvolvendo a capacidade de questionar com fundamentos e discernimento, intervindo no mundo e combatendo situações de opressão (FREIRE,1996).

Tendo como ponto de partida as reflexões de Brandão (2004), onde fala sobre a metodologia freiriana de se alfabetizar, é possível compreender a importância da indissociabilidade e simultaneidade destes dois processos. Em seu modo de alfabetização, ele propõe que se inicie daquilo que é concreto e real para o sujeito, tornando a aprendizagem significativa no contexto em que o educando está inserido no seu convívio diário, mas utilizando também os mecanismos de alfabetização.

De acordo com Freire (1996), que descreve em sua obra Pedagogia da Autonomia da pergunta, que o sujeito quanto mais amplia sua visão de mundo, mais se liberta da opressão, ou seja, quando já tem um sujeito letrado que já possui conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista sobre vários temas, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, aumentando de forma que passa a pensar criticamente em relação a prática social. Freire acreditava ser fundamental que as pessoas compreendam o seu lugar no mundo e sua função social nele. De acordo com Soares citado por Moraes e Albuquerque (2007, p. 47)

“Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.”

Tendo em vista esses pensamentos chega-se a uma conclusão que alfabetizar letrando é o que deve ser feito, só assim vamos conseguir uma educação de qualidade, onde os educandos vão deixar de ser apenas gavetas de conhecimentos, mas que torne-se transmissor de pensamentos transformadores para mudar o mundo.



3 A IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA SIGNIFICATIVA

Diante de tudo que observo nesta pesquisa e todos os dados que foram coletados, vejo que todas as áreas de conhecimentos requerem uma leitura significativa, ou seja, a leitura significativa é a grande chave para concretizar o aprendizado dos educandos e assim acentuar de forma positiva o desempenho curricular, pois é a base para uma vida inteira de aprendizado, aonde esses conhecimentos vão muito além da prática escolar.

Com isso é interessante que os educadores possam transformar sua sala de aula em um mundo de possibilidades e em sua prática docente introduzir em suas aulas os mais diversos tipos de materiais, para que por meio dessas diferentes fontes de aprendizado, sendo assim os alunos terão acesso aos mais diversos tipos de informações com os mais variados temas abordados com os diferentes contextos tais como:

[...] cartas, bulas, decretos, diários de viagem, escrituras, certidões, notícias de jornais e revistas, legislação variada, fichas de identificação pessoal, material de arquivos, documentos pessoais (carteira profissional, identidade, certidão de nascimento, casamento e óbito, etc.) textos analíticos de diferentes autores, descrições de paisagens, relatórios de ministros, de prefeitos, de comissões encarregadas de acompanhar determinados acontecimentos, letras de músicas populares e de hinos, gráficos e conjuntos de dados econômicos, crônicas de costumes, propagandas de produtos e de eventos, etc. (NEVES, 1999, p. 111).

Claro que não podemos nós deter só a uma disciplina o português, mas sim a todas as disciplinas da grade curricular, pois a interpretação satisfatória deve estar presente em todas as diretrizes que possibilita a aprendizagem, ou seja, o aluno tem que saber interpretar tudo que ler, e saber para que serve já no primeiro contato com os mais diversos tipos de texto, de uma simples receita em que se ensina o modo de fazer um delicioso brigadeiro a uma problemática a qual dispõe de diversas operações matemáticas para se chegar a um resultado final.

Em qualquer outra disciplina é utilizada a leitura nas aulas e requer a significação, não existe aula sem leitura todos os professores precisam dar atenção a interpretação e compreensão de textos, esses textos podendo ser escritos, visuais ou orais. E sendo assim, o professor deve orientar os alunos a terem uma internalização do que foi construído na sua memória de conhecimentos significativos em todas as áreas tendo em vista que somos como “esponjas” absorvendo tudo que nós é ofertado, cabe a cada um filtra o que vai ser útil em um futuro não muito longe, e com isso tornasse um sujeito sábio e capaz.

Cabe à escola, em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais, estimular a leitura, melhorar as estratégias, principalmente de compreensão (um dos principais problemas de aprendizagem, segundo os exames de avaliação nacionais e internacionais) e oferecer muitos e variados textos. Dos caminhos a seguir, dois favorecem a intimidade dos alunos com o texto: ensinar a estabelecer previsão e inferência, estratégias que são invocadas na prática da leitura, logo no primeiro contato com o texto, e que devem ser “provocadas” conscientemente pelo professor na prática de leitura. (BENCINI, 2003, p. 1).



Weiss e Cruz (2001) concluem que a criança de hoje já nasce “mergulhada” no mundo tecnológico. A escola, neste sentido, deve preparar o futuro cidadão a tornar-se crítico e apto a exercer funções necessárias ao desenvolvimento da sociedade.

Na atualidade existe uma pluralidade de escritas, onde está presente em nosso dia a dia novos modos de se ler, essa pluralidade é rápida e antenada em novas tecnologias virtuais. Essas novas formas de leitura e escrita estão integrado no mesmo contexto sócio-cultural dos modelos industriais que tentam transformar a vida em sensação ou em entretenimento, levando o aluno para longe dos livros e antenado em jogos eletrônicos, redes sociais, programas televisivo, e este movimento irreversível onde a única lógica que permanece é a do comércio não da escola.

Essa leitura virtual em sua grande maioria não tem a finalidade pedagógica e não acrescenta nada na “bagagem” do repertório de operações mentais, é o ler só por ler sem saber para que leem.

Não se tem como oprimir essa leitura, então precisa-se fazer com que essas mídias se unam no processo de aprendizagem tornado-se parceiras melhorando a leitura dos alunos de modo sistemático e assim aumentar o seu desempenho no ambiente escolar de forma prazerosa.

Kleiman (2002) afirma que para haver o processamento do texto, ou seja, a compreensão, o leitor necessita além das habilidades linguísticas, ativar as estratégias cognitivas (operações mentais inconscientes vinculadas ao conhecimento implícito do leitor) e as estratégias metacognitivas (operações mentais conscientes, reflexivas e intencionais do leitor que favorecem a automonitoração da compreensão).

Solé (1998) esclarece para que haja a compreensão do texto, o leitor deve utilizar estratégias antes da leitura – motivação do leitor, definição dos objetivos de leitura, conhecimento prévio sobre o assunto, formulação de previsões e questionamentos do leitor diante do texto.

Tendo em vista que na sociedade que vivemos somos exigidos cada vez mais, e assim tem que formar um sujeito capaz de captar as mais diversas informações possíveis, e agir de maneira rápida e com eficácia na consolidação de problemas dos mais distintos possíveis a leitura significativa é indispensável.

4 PROCESSOS COGNITIVOS: ESTÍMULOS, MECANISMOS

Quando o aluno não consegue aprender começa a ficar desmotivado, perde o interesse pela escola, muitas vezes apresentam problemas comportamentais e também transtornos emocionais. E no quinto ano fundamental essa situação fica mais evidente, porque com o passar dos anos o aluno não letrado vai ficando para trás, pois não consegue por si só acompanhar o restante da turma, muitas vezes esse aluno já passou por várias reprovações, também por essa razão fica bastante constrangido.

“Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a “dificuldade de aprendizagem”. E antes que a “bola de neve” se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças



desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola”. Furtado (2007, p. 03)

Os processos cognitivos podem ser externos e internos no ser humano. Isso é o que acontece no caso das operações cognitivas. Esse processo de conhecimento mostra o que o indivíduo assimilou de tal ideia e assim difundindo e compreendendo o mundo.

Kleiman (2002) afirma que para haver o processamento do texto; ou seja a compreensão o leitor necessita ,além da habilidades linguísticas ,ativar as estratégias cognitivas, operações mentais inconscientes vinculadas ao conhecimento implícito do leitor, e as estratégias cognitivas, operações mentais inconscientes vinculadas ao conhecimento implícito do leitor ,e as estratégias metacognitivas (operações mentais conscientes reflexivas e intencionais do leitor que favorecem a auto-monitoração da compreensão)

Também é bom deixar claro que durante a leitura muitas dessas estratégias são ativadas no mesmo momento, ficando evidente que não existem limites nítidos entre o que aconteceu antes, durante e depois da leitura.

Diante do exposto, faz-se necessário situar a leitura no âmbito escola pois leitura é fonte de conhecimento e deve ser vista como objeto de conhecimento e instrumento indispensável na realização de nossas aprendizagens, sendo papel da escola ensinar aos alunos as habilidades de leitura e escrita e essa aprendizagem deve ocorrer em contextos reais, que façam sentido para os alunos não é fácil.

Guedes (1999) Ler e escrever são tarefas na escola, questões para todas as áreas, uma vez que as habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola”

Muitas das dificuldades que o aluno tem em compreender o sentido do texto são tão fortes que o impedem de compreender o mesmo, nesse ponto entra o professor como mediador com procedimentos diferenciados para mudar a situação.

Por estratégias, entendemos o que Dulfer e Rohler (1987) e Solé (1998) propõem: O desenvolvimento de planos flexíveis que consideram a natureza do texto, de forma a garantir o conhecimento do texto, de forma a garantir o conhecimento do todo ,além de ativar no aluno conhecimento prévios sobre o assunto ,estabelecer hipóteses.

Em vista destes pontos vemos a reflexão crítica que é uma tomada de consciência; examinar ou analisar fundamentos e razões de alguma coisa. Refletir criticamente é a atitude de investigar e para isso é necessário conhecer aquilo que é investigado, sem nenhum tipo de preconceitos e pré-conceitos. Refletir criticamente também é posicionar-se a partir de um conjunto de informações conquistados com a pesquisa e com acúmulo de conhecimentos já adquiridos. Alguns termos usados quando se fala em reflexão crítica é não julgar o livro pela capa; não julgar o fato ou objeto sem antes conhecer criteriosamente suas intenções, origem, autores, etc. É ler e saber o que tal leitura revela é desenvolver seu próprio ponto de vista.

Segundo Kuenzer (2002, p.101), “ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer



perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”. A leitura crítica é geradora de significados, em que ao ler, o leitor cria seu próprio texto com base no que foi lido, concordando ou discordando da idéia principal. Isto faz com que seja diferenciada da decodificação de sinais, reprodução mecânica de informações que por muito tempo foi considerada como interpretação textual, virando prática habitual nas de Língua Portuguesa a cópia de fragmentos do texto, para servir de resposta aos questionamentos feitos a respeito do que estava escrito, “[...] como atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligir o mundo e nele atuar como cidadãos” (BRANDÃO E MICHELITTI APUD. CHIAPPINI, 1998, p. 22).

Sendo assim, não se pode entregar aluno uma leitura pronta, mais sim uma leitura com lacunas que possibilitem o leitor criar, agir, interagir no meio em que vive. Pensando que no ensino fundamental os estudantes não estiverem em contato com atividades que envolvam a leitura, centrada em concepções definidas que focalize a formação de um leitor crítico, e o despertar para o ato de ler, compreender e assim gerar significado, recriando o sentido do que já foi escrito.

Para Kleiman (1998, p.61) “o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno”.

Observando por esse lado o primeiro ponto é formar educandos para uma leitura verdadeiramente significativa, e assim formar um leitor crítico, possibilitando sua vida no meio acadêmico e social.

No processo da reflexão sobre o conhecimento na perspectiva epistemológica de Habermas (1973), esta foi estudada conforme apontam os trabalhos e aportes de Magalhães (1994, 1996, 2002), Liberali (2008); Magalhães e Fidalgo (2011), Ninin (2010), entre outros estudiosos. Esses pesquisadores retomam os três tipos de reflexão: reflexão técnica, prática e crítica.

A reflexão técnica aponta os procedimentos científicos e busca a eficácia e eficiência dos meios para lograr os fins. Assim, a reflexão técnica é marcada pela avaliação das práticas, segundo as normas da teoria. Nessa perspectiva, o docente estaria voltado a buscar a solução para seus problemas nas descobertas científicas e nos conhecimentos teóricos, nem sempre com entendimento real sobre eles.

“Se na perspectiva crítica de educação consideramos o sujeito capaz de fazer uso do conhecimento para modificar a si próprio e ao contexto em que se encontra inserido, tendo para isso que negociar significados e buscar constantemente o consenso com aqueles com os quais se relaciona, então podemos dizer que observação é o ato de olhar alguém ou alguma coisa cuidadosamente, a partir de critérios negociados, com o propósito de entender e fundamentar os aspectos observados, de modo a possibilitar mudanças factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais dos envolvidos, capazes de gerar transformação não somente neles, mas no contexto em que atuam (NININ, 2010: 36-7).”

A reflexão crítica, está qual irá nos ajudar neste presente trabalho, é a qual vou me aprofundar, tomando como pressuposto a articulação entre reflexão técnica e prática, dirige-se para a utilização tanto dos conhecimentos científicos quanto dos conhecimentos práticos, implicando na análise dos aspectos éticos, sociais e políticos, focando o sujeito social na perspectiva sociocultural. Nesse quadro, o



desenvolvimento do processo crítico-reflexivo está sustentado na Pedagogia Crítica pelas discussões de Freire (1970/1987), na mesma linha de pensamento apontada por Smyth (1992), com contribuições de Liberali (2008), Magalhães (1994, 1996, 2002), Ninin (2010), Magalhães e Fidalgo (2011), entre outros pesquisadores. Tais estudiosos assinalam, retomando Smyth (1992), que o processo reflexivo se desenvolve a partir de quatro ações de linguagem relacionadas ao questionamento sobre o fazer docente: Descrever: o que faço? Informar: o que atuar desse modo significa? Em que teorias me sustento? Confrontar: a que interesses servem as minhas ações? Reconstruir: como posso agir de modo diferente.

5 METODOLOGIA

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, que foi elaborada a partir de um questionário que foi aplicado em escolas da rede público e privada. Em relação a sua natureza, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, pois, a mesma permite assim apresentar os resultados do questionário sobre o estudo aplicado.

A pesquisa de campo oferece maior contato com o público-alvo que são os educadores da educação infantil, e este tipo de pesquisa baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na sua realidade.

5.2 PÚBLICO-ALVO

A pesquisa foi realizada em 2 escolas da rede privada e 4 escolas da rede pública do município de Areia-PB, localizada na zona urbana, que oferecem deste do 5º ano do ensino fundamental.

Dessa forma, os estabelecimentos de ensino de possuem uma filosofia de trabalho que se direciona a oferece um ensino de qualidade, envolvendo a comunidade escolar, respeitando as diferenças e valorizando a ética.

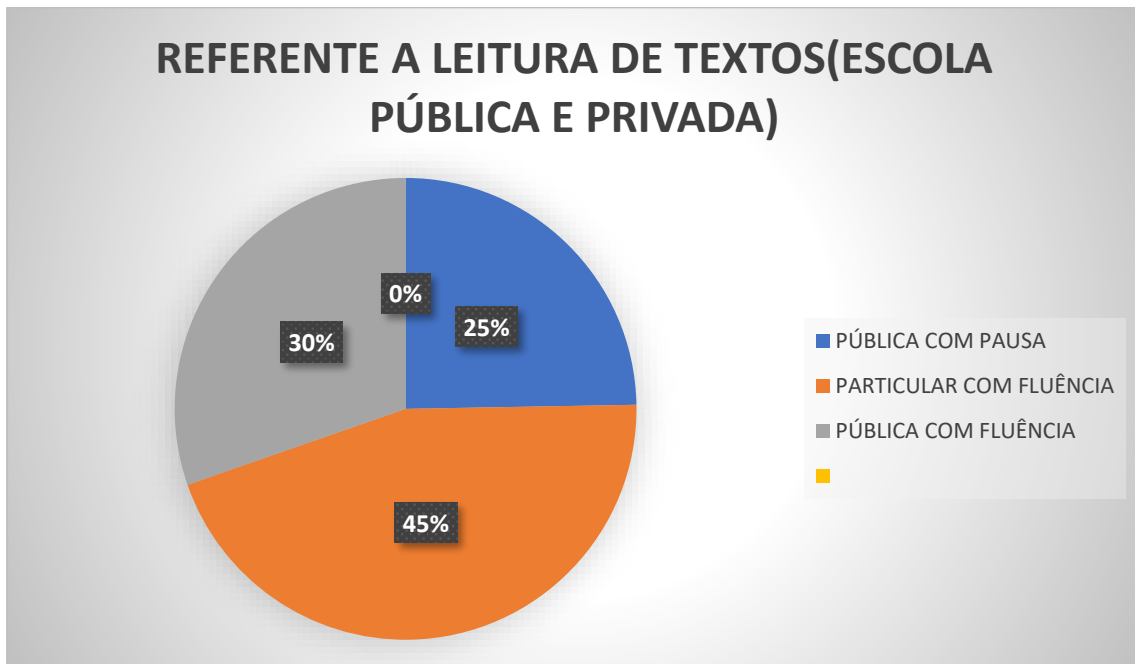
A pesquisa foi direcionada aos professores do 5º ano aplicando-se assim a 6 (seis) educadores tendo como tema a leitura significativa,

5.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário e um instrumento de acompanhamento de leitura, observando a leitura como método de aprendizagem no decorrer da prática pedagógica no 5º ano do Ensino Fundamental e quais seriam suas contribuições no desenvolvimento da leitura, os voluntários dessa pesquisa não foram identificados.

O instrumento é uma ferramenta que possibilita um maior contato com os educadores e possibilita um vínculo de confiança entre as pessoas envolvidas, e conhecer um pouco dos seus trabalhos.

6 ANÁLISE DE DADOS



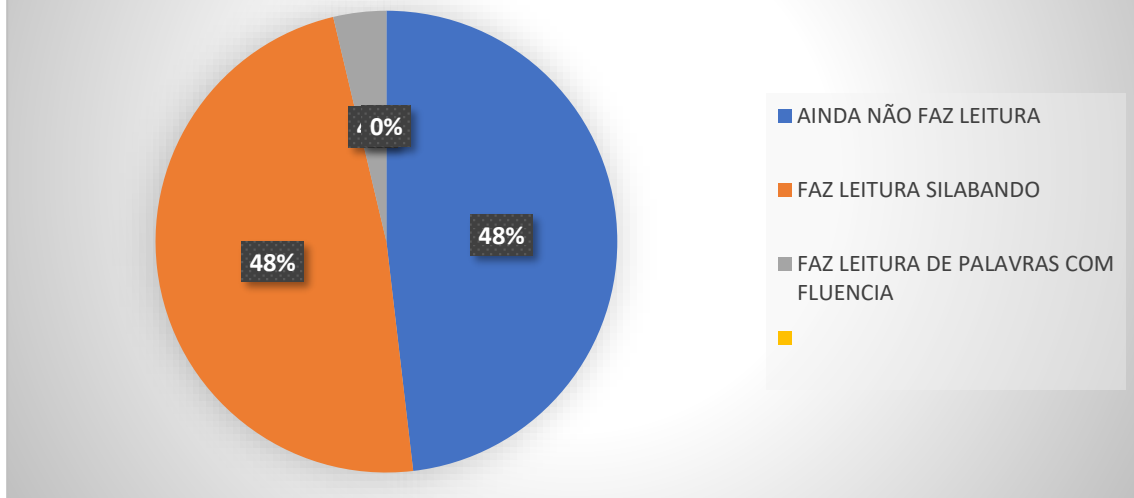
Fonte: Dados da pesquisa

Referente a leitura de textos, ou seja, de que forma um aluno devidamente matriculado no quinto ano fundamental ler um texto, e ficou constatado que uma significativa parcela de alunos da rede pública ainda não conseguem estabelecer um processo pleno de leitura interpretativa.

Sendo assim não consegue sintetizar as informações mais importantes de um texto tais como cenário, problema, tema, resultados e etc., que ajuda a guardar o conteúdo lido.

Resumir as informações, questionar o texto, permitindo o leitor refletir sobre o mesmo. As estratégias são muitas o antes, o durante e o após a leitura todos esses momentos contribuem e o professor é o elo entre leitura e interpretação. O professor tem que estar antenado nesses momentos e assim tornar mais potencializado o momento da leitura, e com isso ter êxito em sua práxis.

2- LEITURAREFERENTE A PALAVRAS(27 ALUNOS DA ESCOLA PUBLICA)



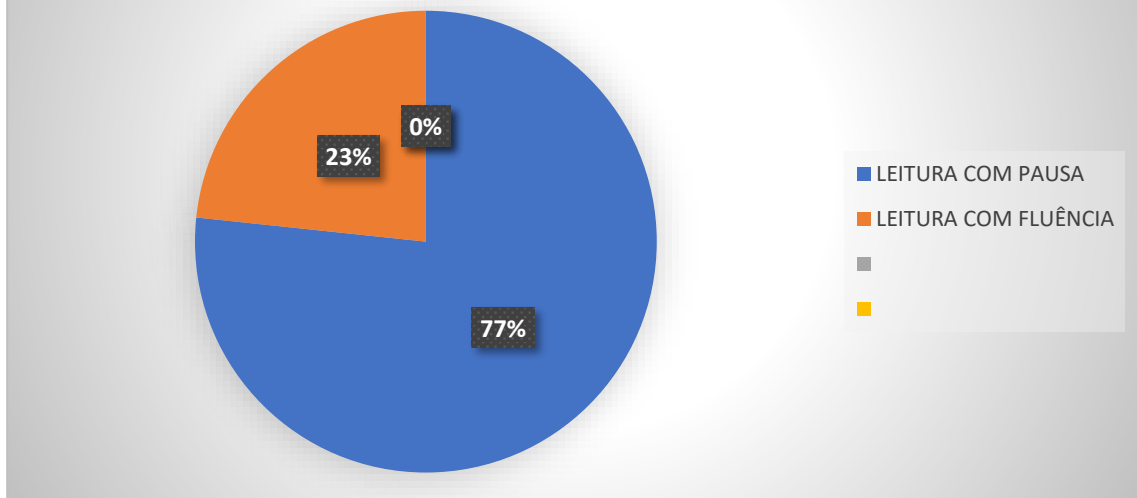
Fonte: Dados da pesquisa.

Constatou-se um dado alarmante em relação a alunos que ainda não leem se quer palavras, porém isso só acontece nas escolas públicas ,e ai vemos a problemática de avançar alunos que não desenvolvem as competências, que necessitam para assim continuar absolvendo nos anos vindouros .Como vamos aumentar esses números de IDEB se essas crianças não estão preparadas para executar essas provinhas, mas mesmo assim serão obrigadas a “tentar” fazer e assim se somam aos demais pois estão devidamente matriculados no quinto ano fundamental .

Vemos esses dados bastante preocupante nas escolas públicas, não aprender a ler e escrever é freia todo um processo de desenvolvimento do aluno na vida acadêmica e em sociedade, e que se faz necessário uma reflexão sobre a alfabetização nas séries iniciais nas escolas públicas.

Assim como os alunos o professor tem que se tornar sujeito do mundo da leitura, organizando registro para acompanhamento do processo de leitura, textos que vão para diferentes práticas sociais de leitura, preservação da memória dos grupos que interagem em sua vida social, e assim aumenta o repertório dos aprendizes.

3 - LEITURA REFERENTE DE FRASES (ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA)



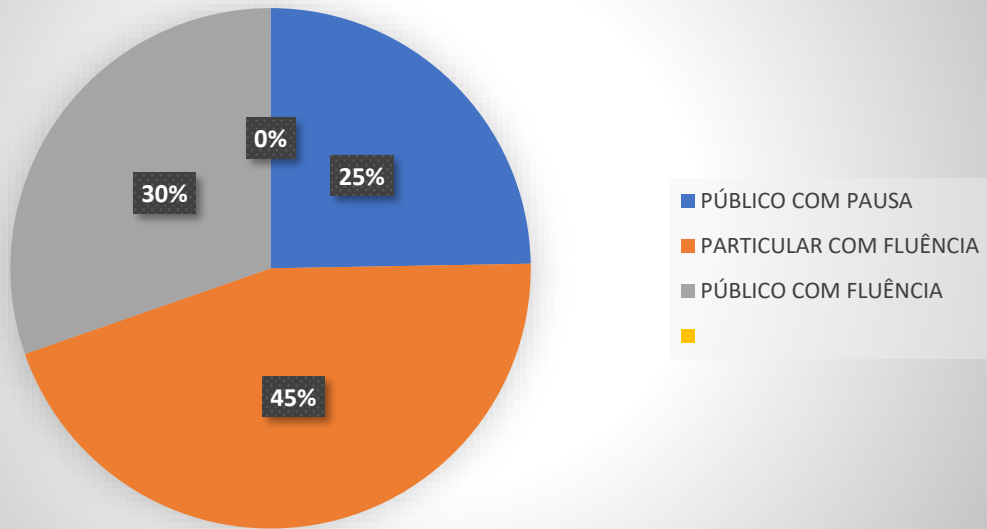
Fonte: Dados da pesquisa.

Refere-se a alunos de escolas públicas que em sua maioria ler com pausa. Ou seja, os alunos realizam a leitura, porém em sua maioria não estão cientes em interpretar um texto e assim conseguir um desempenho satisfatório ao longo de um determinado tempo lendo um texto e depois submetido a alguma pergunta sobre ele.

O grande problema do ler com pausas é que o aluno não desenvolveu plenamente as habilidades previstas no terceiro ano fundamental, mesmo assim foi promovido e sendo assim não conseguem finalizar seu processo de aprendizagem, e por consequência não desfrutam de uma segura e plena leitura de frases e palavras, e assim gastando muito tempo tentando decifrando os “códigos” e assim a compreensão do texto ficando prejudicada. Para se ler com fluência é preciso que o aluno tenha já um conceito da palavra em mente. Segundo Aurélio (1986)

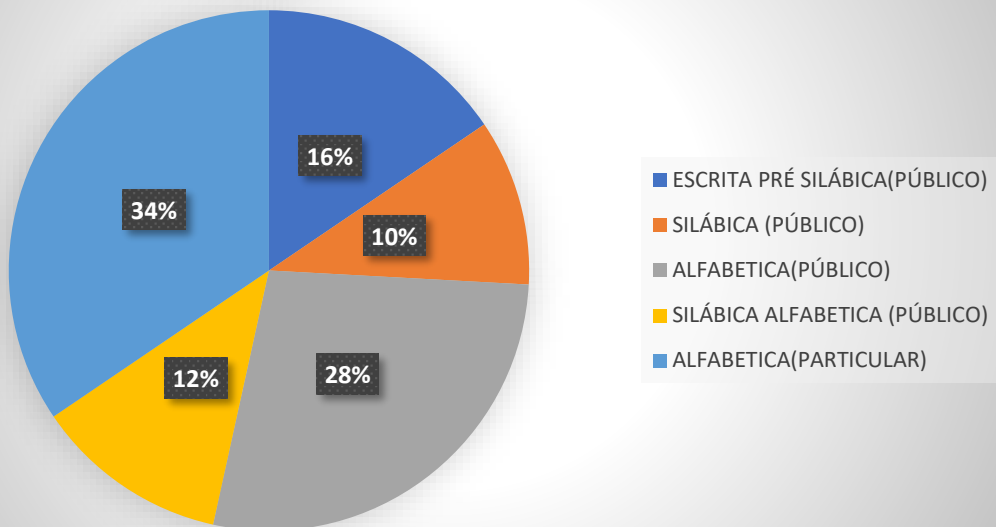
“fluente é aquilo que corre facilmente, corrente. Então tendo essa visão em mente Bamberguer (2000) diz “A fluência de leitura é a ponte entre leitura e a compreensão. A fluência refere-se à qualidade da leitura e é avaliada por indicadores de velocidades (palavras por minuto) números de erros e prosódia (pronúncia regular das palavras com a devida acentuação). O aluno fluente é aquele que lê com ritmo com poucos erros e com prosódia adequada”.

5 - REFERENTE A LEITURA DE TEXTOS



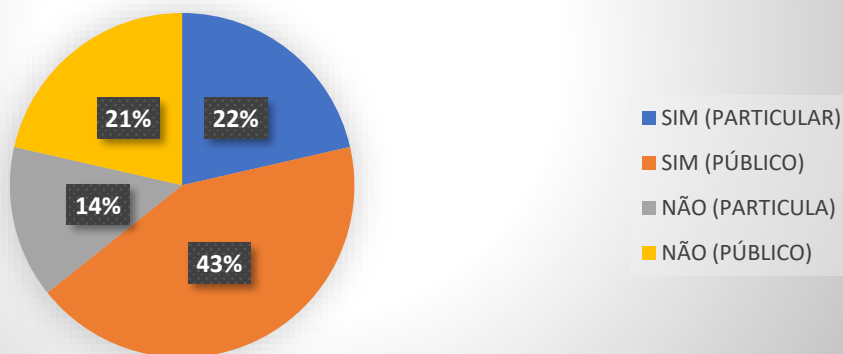
Fonte: Dados da pesquisa.

6-REFERENTE A ESCRITA



Fonte: Dados da pesquisa.

RESPOSTAS DOS PROFESSORES QUESTÃO 6 (Você utiliza algum instrumento para acompanhar o progresso de leitura do aluno?)



Fonte: Dados da pesquisa.

Logo após a realização da pesquisa, posso afirmar que meus anseios são reais e uma grande preocupação não me deixar calar.

Ao examinar as respostas dos meus entrevistados, onde todos são pedagogos e que lecionam no quinto ano fundamental tanto no ensino público ou no ensino particular uma questão em especial me chamou a atenção. Na pesquisa, excepcionalmente na questão três, perguntava da seguinte maneira: Qual é a dificuldade dos alunos em ter o hábito de ler?

Entrevistado (1) responde da seguinte maneira:

“A maior dificuldade dos alunos em ter o hábito de ler é conviver com pessoas que não incentiva a leitura e muitas vezes os livros também lhe oferecem leituras que não é do seu interesse”.

Entrevistado (2) responde da seguinte maneira:

“Ler é hábito. O fato de não praticar esse “hábito” pode estar atrelado a falta de acesso às bibliotecas, incentivo familiar o que se transforma uma porta aberta para a desmotivação, pois em muitos casos a leitura se torna obrigatória, afinal a prática da leitura, contudo, só consegue ter êxito se associado ao prazer de modo que o leitor sinta-se motivado com as formas de comunicação que se caracterizam na arte da palavra. vale ressaltar entretanto, que incentivar a leitura e o gosto pela mesma é papel da “Escola” em conjunto com os “Pais”.

E é exatamente esse cenário que encontramos em escolas lotadas de crianças em sua grande maioria sem nenhuma perspectiva em relação aos estudos, onde a leitura tecnológica que muitas vezes não acrescenta nada em sua formação intelectual toma conta de seu consciente onde não envolve raciocínio, conhecimento, percepção, decisão e assim afasta o aluno ainda mais do ambiente escolar. Sei que estamos



falando de crianças na faixa etária de 9 aos 14 anos, mas ainda é tempo, se eles não foram estimulados nas séries iniciais se não tentarmos agora perderá a oportunidade de ser transformado pelo hábito e pelo prazer que a leitura proporciona.

Segundo Geraldi (2006, p. 110) “necessário resgatar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio: o prazer de ler sem ter que apresentar ao professor e à escola o resultado desse prazer, que a própria leitura”. O ato de ler é efetuado para que sejam ampliados os limites do próprio conhecimento, de forma divertida e descontraída.

Segundo uma pesquisa, divulgada em 2012, realizada pelo IBOPE a pedido do Instituto Pró-Livro (IPL), os pais e professores são os maiores influenciadores de crianças e adolescentes no desenvolvimento do gosto pela leitura. Apenas cerca de 50% da população brasileira (88 milhões de brasileiros) se considera leitora, dentre esses, 43% disseram estar acostumados a ver os pais lendo e outros 45% avaliam que os professores foram grandes incentivadores à leitura. Um dado mais expressivo aparece entre os não leitores, quando 65% deles afirmam nunca terem visto seus pais lendo”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, enxergamos que existi sim uma grande problemática na educação do nosso Brasil nas séries iniciais principalmente, onde deveria ser o alicerce do esqueleto da educação, precisa-se que apareçam novas formas, visões e práticas que envolvam alunos e professores e também a família, todos em função de um só objetivo, formar desde cedo cidadãos consciente de seu papel na sociedade.

Os professores alfabetizadores necessitam estar preparados, comprometidos, serem competentes, dinâmicos e ter consciência de sua responsabilidade na formação dos discentes para transformação da sociedade em que vivemos.

O que vemos na educação privada são dados totalmente diferentes da rede pública e isso foi provado na pesquisa de campo realizada durante esse período, onde encontramos uma educação privada sem “grandes problemas” onde todos os discentes tem um ótimo nível. Já no ensino público é um martírio, crianças no quinto ano fundamental ainda sem ler.

É primordial também que sistema público ajude o docente, e faça uma avaliação direta nesse sistema de alfabetização em ciclo estamos vendo que esse fato não corrobora para um bom aprendizado; a criança já sabe que não vai ficar reprovada e sendo assim não se empenha em estudar, a família por sua vez sabe que a criança vai avançar nos anos do ciclo mesmo sem consolidar aprendizagem satisfatória então deixa a criança “solta”. Por sua vez esse determinado aluno será submetido a diferentes diretrizes no ano atual onde ele nem mesmo consolidou as diretrizes do ano posterior, e se não tiver um apoio pedagógico vai ficar pelo meio do caminho sim.

Em virtude de todos esses desgastes como chegar a um quinto ano pleno de seus deveres autônomo



em sua leitura.

Por fim, acredita-se que é possível sim, chegar a uma educação pública de qualidade, com o envolvimento de professores, alunos e família, onde utilizem diferentes metodologias, principalmente na alfabetização e letramento de cada sujeito envolvido no processo acadêmico, e sendo assim se tornar protagonista de sua vida.



REFERÊNCIAS

- AURÉLIO. Novo Dicionário. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2000.
- BRANDÃO, Nicelene Santos.
- DUFFY, G.G.; ROELHER, Teaching Reading, 1987.
- SMITH, Frank; SMYTH, J. Teachers' Work and the Politics of Reflection. American Educational Research Journal, v. 29, n. 2, p. 267-300, 1992. New York.
- GERALDI, C. (2006). Pesquisa divulgada em 2012, realizada pelo IBOPE a pedido do Instituto Pró-Livro (IPL).
- KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- KUENZER, Acácia (Org.). Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBERALI, F. C. Formação crítica de educadores: questões fundamentais. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2008.
- MAGALHÃES, M.C.C. Teoria crítica e desenvolvimento do professor. XXIII Anais de Seminários do GEL, v. 1, p. 66-73, 1994. Ribeirão Preto.
- NININ, M.O.G. O fio da meada: descortina-se a prática da observação. Uma perspectiva crítica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- VIEIRA, Maria Celina Teixeira. Leitura significativa: prazer, dever ou relevância social no ensino superior? In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16º, 2007, Campinas. Anais... Campinas: ALB, 2007.